

SUMÁRIO

Vivienne Westwood parodiando a monarquia Inglesa
A representação social da infância e suas influências na moda

VIVIENNE WESTWOOD PARODIANDO A MONARQUIA INGLESA

Bortholuzzi, Juliana; Universidade Feevale¹
Castilhos de Araujo, Denise; Universidade Feevale²

PALAVRAS-CHAVE: Vivienne Westwood. Punk. Paródia. Monarquia inglesa.

1. INTRODUÇÃO: este artigo tem como objetivo propor uma reflexão acerca de algumas peças criadas pela estilista Vivienne Westwood, na década de 80, a fim de verificar se tais peças podem ser consideradas paródias da monarquia inglesa. A paródia, neste artigo, será definida a partir da proposta de Hutcheon (1985), e que pode revelar, ao mesmo tempo, uma crítica e uma homenagem.

O tema escolhido é de grande admiração, sendo a estilista Vivienne Westwood, dona de um trabalho bastante rico que conta com mais de cinco décadas, sendo um grande exemplo de identidade fruto da moda. Vivienne surgiu no *underground* inglês e hoje integra o seleto grupo de marcas luxuosas que desfile na alta costura de Paris.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: o presente trabalho será dividido em três momentos, para facilitar a compreensão dos elementos que serão abordados neste estudo. Sendo assim, o primeiro discorre sobre o nascimento e características do movimento punk inglês, onde nos embasaremos com as obras de Jones (2003), Temple (2001) e Bivar (2001), bem como sobre a carreira da estilista Vivienne Westwood, através dos ensinamentos de Wilcox (2004), relacionando-os.

Nascida na Inglaterra, em 1941, a estilista Vivienne Westwood é considerada a Rainha do Punk, devido à moda radical proposta por ela no início de sua carreira, coincidentemente, no início do movimento punk (década de 70). “é maior estilista britânica viva, ela é, tal como a Rainha e os taxis pretos, um símbolo da Inglaterra”. (JONES, 2003 , p.512). Em 1965, já vivendo em Londres, Vivienne conheceu Malcolm McLaren, e começaram, então, um relacionamento que foi fundamental para a história da moda e da música do século XX.

Em meados da década de 70, a Inglaterra começava a dar sinais de crise, vivia um momento de estagnação econômica, o alto índice de desemprego, greves, intolerância racial, fragilidade da gestão do Partido Trabalhista versus crescimento político da ultraconservadora Margaret Thatcher. “Por aqui, os garotos punks eram filhos da classe operária. Estavam revoltados e agressivos”. (TEMPLE, 2001).

¹ Especialista em Direito Privado – Unisinos/RS, Graduada em Direito – Unisinos/RS, Mestranda em Processos e Manifestações Culturais, Feevale/RS, Graduanda em Moda pela Feevale/RS. Aluna.

² Doutora em Comunicação Social- PUCRS. Professora.

O Movimento Punk, surgido na década de 1970, assim como outros movimentos da contracultura fugia dos padrões impostos pela sociedade através do modismo. “A primeira regra do punk é que não existem regras. Ser Punk é quebrar as regras e não criá-las, é não se preocupar em usar roupas certas ou dizer os clichês certos, mas pensar por si mesmo”, afirma Bivar (2001).

Num segundo momento, falar-se-á sobre a paródia, com a obra de Hutcheon (19985). A paródia é, pois, repetição, mas repetição que inclui diferença, ou seja, é uma imitação com distância crítica, cuja ironia pode beneficiar e/ou prejudicar ao mesmo tempo. Esse gênero textual é, conforme Hutcheon (1985), uma via importante para que os artistas modernos cheguem a um acordo com o passado, seja através da recodificação irônica ou pelo termo designado pela própria autora, a “transcontextualização”.

“Vivienne é excêntrica, provocadora e irreverente. Cria roupas com ironias ao reino inglês, motivos políticos, críticas sociais, temas eróticos. Mescla a cultura jovem com o tradicionalismo inglês, tudo sempre inusitado”(WILCOX, 2010, p.43).

3. METODOLOGIA: na presente pesquisa será realizada uma pesquisa de caráter exploratório. Quanto aos procedimentos técnicos, será feita uma pesquisa bibliográfica. O universo da pesquisa é a obra da estilista inglesa Vivienne Westwood, mais especificamente alguns trajes da coleção Harris Tweed de 87/88.

4. ANÁLISE: a coleção Harris Tweed, lançada pela estilista Vivienne em 87/88, é um claro exemplo de paródia. Trajes com cortes clássicos de alfaiataria e a herança britânica dos tricôs, gabardines e *tweeds* foram apresentados como uma ironia ao estilo de vida inglês, incorporando uma variedade de veludos e *tweeds*, incluindo os tradicionais tecidos ingleses, especialmente lã usada nos uniformes do Império Britânico; parodiando a monarquia, essas roupas evocaram a aristocracia do país.

De acordo com Hutcheon (1985), qualquer texto pode ser parodiado, e aqui, temos um exemplo de paródia na moda, pois a roupa pode ser considerada como um texto, o qual é elaborado através de linguagem não-verbal. Nas figuras a seguir, há soldados da guarda real britânica, com seus tradicionais uniformes nas cores vermelho e preto; ao lado, há uma produção de Westwood - um blazer -, cujas cores e tecido são muito parecidos com o uniforme militar da guarda real inglesa. Além disso, podemos ver nas figuras, a representação do chapéu dos soldados no penteado da modelo.



Figura 1 – Guarda real inglesa e blazer de Westwood
Fonte: Google imagens.

Nessas imagens fica, também, evidente a elaboração de uma paródia por parte da estilista inglesa, utilizando como texto gerador, o uniforme dos soldados da guarda da rainha. A paródia aproxima o soldado do público, pois utilizando o casaco criado pela estilista, estaria o consumidor apto a vivenciar a experiência de participar de um grupo muito seletivo e considerado muito importante para a Inglaterra.

Por outro lado, a estilista sugere a necessidade de humanização desse grupo (soldados) através da colocação de lapelas no blazer que, fechadas, formam um coração, o qual encobre boa parte do peito da modelo. Além disso, o fato de ser uma mulher a vestir o blazer, pode remeter à necessidade de tornar a guarda mais atual, talvez até mesmo aceitando mulheres nesse grupo até hoje exclusivamente masculino. Outro elemento parodiado por Vivienne é o chapéu da guarda, transformado em penteado, e que, mais uma vez, apresenta o formato de coração. O que faltaria a esse exército de homens rígidos segundo Westwood? Talvez a sensibilidade reconhecidamente marcada com a forma do coração tanto na roupa (peito) quanto no penteado (cabeça).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS: observando as imagens anteriores e retomando o texto de Linda Hutcheon (1985), resta claro que a estilista Vivienne Westwood capturou os elementos da monarquia inglesa, recriando-os de forma irônica, o que podemos exemplificar como paródia. Nesse trabalho de Vivienne temos o afronte à monarquia, como uma forma de demonstrar que ela não teme o sistema, querendo revelar sua inquietação com relação a ele. E a paródia é uma maneira de se poder fazer isso, pois, como explica Hutcheon (1985), ao texto paródico é concedida uma licença especial para transgredir os limites da convenção, desde que temporariamente e obedecendo aos limites autorizados pelo texto parodiado, ou seja, dentro dos limites ditados pela reconhecibilidade.

REFERÊNCIAS:

BIVAR, Antônio. **O que é punk**. 5.ed. São Paulo: Livraria Brasiliense. 2001

HUTCHEON, Linda. **Uma teoria da paródia**. Ensinaamentos das formas de arte do século XX. Lisboa: Edições 70. 1985.

JONES, Terry; MAIR, Avril. **Fashion Now: i-D Selects the world's 150 most important designers**. 1 ed. Portugal, Taschen do Brasil, 2003.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do Trabalho Científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 1 ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2009.

TEMPLE, Julien. **O Lixo e a Fúria humaniza o Punk Inglês**. 2001. Disponível em: <http://www.estadao.com.br/arquivo/arteelazer/2001/not20010906p2504.htm>
Acesso em: 18 de setembro de 2010.

WILCOX, Claire. **Vivienne Westwood**. 14.ed. Londres. V&A Publishing. 2010.

A REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA INFÂNCIA E SUAS INFLUÊNCIAS NA MODA

Júlia Bernhard¹ - FEEVALE

Palavras-chave: Infância. Papéis Sociais. História da Moda Infantil.

1 INTRODUÇÃO: O presente projeto visa estabelecer relações entre os papéis sociais da infância e a indumentária que caracteriza as diferentes representações das crianças ao longo da história. Para tanto, serão trabalhados os conceitos e o desenvolvimento da infância em sua representatividade social, desde a inexistência do sentimento de infância e o seu apogeu, até o seu possível desaparecimento. As vestes propostas aos infantes serão colocadas em paralelo com os diversos olhares e tratamentos que recebem. Serão utilizados o método histórico, a pesquisa bibliográfica e a visual.

Hoje, mesmo com todo o conhecimento sobre a relevância do período da infância, este se encontra em decréscimo, deixando muitos de seus conceitos de lado. Enquanto traços históricos do vestuário infantil serão analisados a partir de registros feitos sob forma de obras de arte, a moda atual será retratada através de fotografias de coleções, de modo a elucidar o seguinte problema de pesquisa: Quais as relações entre os papéis sociais da infância e a moda/indumentária proposta aos infantes ao longo da história?

O problema de pesquisa poderá ajudar na compreensão de possíveis mudanças de valores na sociedade. Isto porque, por alguns momentos ao longo da história, as roupas infantis se igl às adultas, desrespeitando totalmente as necessidades de liberdade, conforto e ludicidade da fa

Tem-se como objetivo geral compreender as relações entre os papéis sociais da infância e a moda/indumentária aplicada a ela. São objetivos específicos: a) Documentar por meio de estudo histórico o desenvolvimento do conceito de infância, relatando os papéis sociais das crianças ao longo da história; b) Identificar por meio de estudo histórico a moda infantil considerando as fases do desenvolvimento da infância; c) Analisar aspectos das roupas infantis através de obras de arte e

¹ Mestranda em Processos e Manifestações Culturais (FEEVALE), Especialista em Expressão Gráfica (PUC, 2008/2), Graduada em Design de Moda e Tecnologia (FEEVALE, 2006/2).

imagens atuais que contribuam com a temática; d) Identificar, através de estudo sobre a moda infantil atual, contradições entre o tratamento dado aos infantes e a roupa para eles desenvolvida.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA: Pode-se afirmar que a história da infância não respeita uma linha de desenvolvimento evolutivo que esteja de acordo com o conhecimento que a sociedade tem sobre os infantes. Isto porque, ao passo que o século XXI conhece muitas das necessidades para o pleno desenvolvimento da criança, a perda da infância nunca foi tão questionada quanto na atualidade. Para Shirley Steinberg e Joe Kincheloe (2001), a infância é uma fase que foi inventada pela sociedade e, de tal forma, é suscetível a modificações, assim como todo o contexto ao qual pertence. O mundo infantil ideal, infelizmente não presente na vida de todas as crianças, é o do sentimento lúdico, da ingenuidade e da fantasia.

Os infantes, de acordo com a sociedade e o espaço de tempo, foram vistos de formas diferentes: força de trabalho, empecilho, uma boca a mais para alimentar, símbolo de fecundidade, troféu para exibicionismo. Assim como os tratamentos e conceitos de infância têm variado ao longo da história, a moda desenvolvida para os infantes também. Por muitos momentos, incluindo-se a atualidade, os sentidos simbólicos das roupas têm mais relação com as formas, cores e efeitos do que com as reais necessidades do vestir. Enquanto não havia diferenciação entre ser adulto ou criança, todos se vestiam da mesma forma: se a indumentária era pesada, apertada e limitava os movimentos, assim era para todas as idades, salvaguardando os recém-nascidos. O início da consciência de tratamentos especiais para as crianças aconteceu durante o século XVI, mas esta não envolveu a diferenciação estética além do acréscimo de uma fita pendurada nas costas das vestimentas. Segundo Neil Postman (1999), assim como em séculos passados, na sociedade atual mãe e filha devem parecer ter idades muito próximas ou mesmo não mostrar diferenças.

3 METODOLOGIA: Neste projeto serão utilizadas ferramentas atuais e históricas – fotografias e pinturas. O público da análise se restringe a crianças ocidentais da elite, por serem estas, em grande maioria, retratadas com maior detalhamento através da pintura. Para comparação com a atualidade, segue-se com a análise com o mesmo público, sendo este restringido a faixa etária de 4 a 8 anos.

Far-se-á uso da pesquisa qualitativa, a qual trabalha quase totalmente com o uso da palavra, oral ou escrita, de imagens, de sons e de símbolos. Segundo Daniel Augusto Moreira (2002), o comportamento humano é visto como interativo e interpretativo. Quanto ao método, será

utilizado o histórico, uma vez que, segundo Odília Fachin (2001), a vida social atual sofreu influência de sociedades anteriores. O método utiliza pesquisa social, política, cultural, econômica entre outras, em períodos pré-determinados, buscando origens para compreender as semelhanças ou respostas da sociedade atual em relação ao passado. Para o apoio histórico e atual, as técnicas de pesquisa bibliográfica e visual se fazem fundamentais. A primeira, abrange toda a bibliografia, neste caso livros, jornais, revistas – imprensa escrita e publicações – dispendo o pesquisador em contato com todo o material tornado público sobre determinado assunto.

O estudo de compreensão das fotos e pinturas será feito através da análise semiótica de imagens paradas (BAUER e GASKELL, 2002, p. 319), o qual “provê o analista com um conjunto de instrumentais conceptuais para uma abordagem sistemática dos sistemas de signos, a fim de descobrir como eles produzem sentido”. Após a escolha das imagens provindas de fontes adequadas, faz-se um levantamento sistemático com texto e imagem. O detalhamento deve ser feito da forma mais explicativa e precisa possível, identificando, desta forma, aspectos menos óbvios da composição. Após o detalhamento, questionamentos podem ser feitos a cada elemento a partir do inventário denotativo.

4 ANÁLISE: Através do estudo realizado sobre a infância e sua indumentária, observa-se que não se trata de uma história linear. As evoluções e melhorias a respeito do tratamento às crianças e da moda proposta não podem ser diretamente relacionadas com os conhecimentos adquiridos sobre a infância. Esta falta de linearidade é facilmente observada pela aproximação, distanciamento e retorno à aproximação do tratamento e do modo de vestir das crianças com os adultos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS: A idade adulta aumentada ou infância diminuída é uma realidade na sociedade do início do século XXI. Torna-se insatisfatório pensar que, em vinte e um séculos, os infantes tiveram acesso a tratamento adequado por apenas cem anos. E, essa falta de cuidado não pode ser relacionada com a falta de conhecimento, mas apenas com o desenvolvimento da sociedade, retrógrado em alguns aspectos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro, RJ: ed. LTC, 1981. 196p.

BAUER, Martin W., GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Petrópolis, RJ: ed. Vozes, 2002. 516p.

FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. São Paulo, SP: Ed. Saraiva, 2001. 200p.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Técnicas de Pesquisa: planejamento e execução de pesquisa, elaboração, análise e interpretação de dados**. São Paulo, SP: ed. Atlas, 2002. 282p.

MOREIRA, Daniel Augusto. **O método fenomenológico na pesquisa**. São Paulo, SP: ed. Thomsom Pioneira, 2002. 152p.

POSTMAN, Neil. **O Desaparecimento da Infância**. Rio de Janeiro, RJ: ed. Graphia, 1999. 190p.

STEINBERG, Shirley R.; KINCHLOE, Joe L. **Cultura Infantil: a construção corporativa da infância**. Rio de Janeiro, RJ: ed. Civilização Brasileira, 2001. 415p.

WILSON, Elizabeth. **Enfeitada de Sonhos: moda e modernidade**. Liboa: Edições 70, 1985, 342p.